

# Orquestra Gulbenkian

**Pinchas Zukerman**

---

**03 + 04 out 24**

**03 out 24** QUINTA 20:00

**04 out 24** SEXTA 19:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Orquestra Gulbenkian**

**Pinchas Zukerman** Violino / Direção

### **Samuel Coleridge-Taylor**

*Ballade for Orchestra*, em Lá menor, op. 33

c. 13 min.

### **Wolfgang Amadeus Mozart**

Concerto para Violino e Orquestra n.º 5,  
em Lá maior, K. 219

c. 31 min.

1. *Allegro aperto*

2. *Adagio*

3. *Rondeau: Tempo di Menuetto*

INTERVALO

### **Antonín Dvořák**

Sinfonia n.º 8, em Sol maior, op. 88

c. 36 min.

1. *Allegro con brio*

2. *Adagio*

3. *Allegretto grazioso – Molto vivace*

4. *Allegro ma non troppo*

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

# Samuel Coleridge-Taylor

(Londres, 1875 – Croydon, 1912)

## *Ballade for Orchestra*, em Lá menor, op. 33

—

COMPOSIÇÃO 1898

ESTREIA Gloucester, setembro de 1898

DURAÇÃO c. 13 min.

Samuel Coleridge-Taylor foi reconhecido como um dos compositores mais talentosos da sua época, mas a sua obra não logrou sobreviver na memória musical coletiva. Nascido em Londres, filho de pai africano (um médico natural da Serra Leoa) e mãe britânica, iniciou os seus estudos musicais ainda na infância, e apesar do preconceito racial vigente, estudou violino e composição no Royal College of Music, sob a orientação de Charles Stanford. Iniciou carreira como instrumentista, diretor de orquestra e compositor, tornando-se rapidamente num dos mais conhecidos compositores britânicos, inclusivamente a nível internacional. Nos Estados Unidos, nomeadamente, alcançou um sucesso assinalável em várias digressões, tendo sido considerado “o Mahler africano”. Quando morreu tragicamente aos 37 anos, devido a uma pneumonia, deixou um catálogo de cerca de 100 obras, entre música instrumental, de câmara, coral, sinfónica e teatral, que em termos estilísticos se caracteriza não só pela adesão à linguagem do romantismo tardio, mas também pela exploração da sua herança crioula e africana, o que suscitou frequentemente comparações com o modo como Brahms e Dvořák incorporavam nas suas obras elementos do folclore musical. A obra de Coleridge-Taylor tem sido redescoberta nas últimas três décadas, mas aguarda

ainda reapreciação com a atenção devida. Em 1896, o jovem compositor recém-formado recebeu – por influência de Elgar, admirador do seu talento – a encomenda de uma nova obra orquestral para o Three Choirs Festival, em Gloucester. Foi nessa ocasião que Coleridge-Taylor compôs a *Ballade for Orchestra*, em Lá menor, op. 33, cuja estreia teria lugar em setembro de 1898. A receção bastante positiva muito contribuiu para a projeção do autor nesta fase inicial da sua carreira. Em Lisboa, a primeira audição foi dada no Teatro de São Luís, a 19 de novembro de 1922, pela Orquestra Sinfónica Portuguesa (sem relação histórica com a atual), sob a direção de Pedro Blanch.

Transbordando inteligência criativa, a obra está concebida, à maneira da balada poética, numa série de secções semelhantes a estrofes, sugerindo o decorrer de uma narrativa dramática. Após um gesto agitado, de feição quase-operática, é apresentada uma primeira ideia melódica, orquestrada com sofisticação e conduzida dramaticamente através de uma variedade de regiões tonais, até que surge um segundo tema contrastante, mais afetuoso. A balada oscila, a partir de então, entre essas duas atmosferas, culminando numa derradeira afirmação do tema lírico pelo *tutti* e encerrando com uma reiteração do gesto inicial.

# Wolfgang Amadeus Mozart

(Salzburgo, 1756 – Viena, 1791)

## Concerto para Violino e Orquestra n.º 5, em Lá maior, K. 219

—

COMPOSIÇÃO 1775

DURAÇÃO c. 31 min

Wolfgang Amadeus Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado classicismo vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal – produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica – no qual naturalmente sobressai a sua beleza melódica, a sua elegância formal, bem como a sua riqueza a nível harmónico e textural. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou.

Antes do estabelecimento definitivo de Mozart em Viena, em 1781, que daria início a uma nova fase no seu percurso criativo, os últimos anos de atividade em Salzburgo foram marcados pela insatisfação relativamente às limitações profissionais sentidas. Apesar de tudo, o compositor ainda teve algumas oportunidades ao serviço do Arcebispo Colloredo.

Foi em 1775, quando ocupava o lugar de *Konzertmeister* na corte de Salzburgo, que compôs os seus cinco concertos para violino e orquestra (é possível que os dois primeiros sejam algo anteriores), género que não mais teria oportunidade de revisitar.

O Concerto para Violino e Orquestra n.º 5, K. 219, composto em dezembro desse ano, encerra o grupo dos três concertos mais maduros, partilhando também

da sua ampla popularidade. Esta é uma obra particularmente relevante no quadro da sua produção no género, pelo facto de até então ser aquela que explora de modo mais sofisticado as possibilidades dramáticas que a nova forma do concerto com solista e orquestra adquiria na época, ao fundir a antiga forma ritornelo com a moderna forma sonata. O solista na estreia terá sido possivelmente o compositor, ele próprio um violinista competente iniciado ainda em tenra idade, beneficiando a linha solística dessa assimilação dos elementos de uma escrita idiomática para o instrumento.

O primeiro andamento, *Allegro aperto*, inicia-se com a expectável introdução orquestral, mas depois, inesperadamente, o violino solista apresenta-se com uma nova melodia expressiva num breve *Adagio* de seis compassos, sendo então recuperado o tempo inicial no subsequente tratamento do material temático. Segue-se um *Adagio*, em Mi maior, caracterizado pelo seu ambiente lírico e contemplativo. Em dois episódios distintos, em Si maior e em Sol sustenido menor, o solista elabora sobre a passagem orquestral de abertura, encerrando com uma *cadenza*. Por fim, o *Rondeau*, de novo em Lá maior, começa à maneira de um elegante minuete, refrão que alterna com dois episódios diferenciados, mas a certa altura é interrompido por uma súbita mudança simultânea de tempo, métrica e tonalidade, surgindo um tema *alla turca*, em Lá menor. As figurações vertiginosas, que chegam a ser acompanhadas *col legno* pelas cordas graves, conduzem a nova *cadenza* do solista, e esta a um regresso ao início, encerrando a obra nessa atmosfera graciosa.

# Antonín Dvořák

(Nelahozeves, 1841 – Praga, 1904)

## Sinfonia n.º 8, em Sol maior, op. 88

COMPOSIÇÃO 1889

ESTREIA Praga, 2 de fevereiro de 1890

DURAÇÃO c. 36 min.

Antonín Dvořák assumiu-se como um dos mais destacados compositores checos de orientação nacionalista no século XIX, com uma música que foi por vezes minorizada como ingénua e espontânea, mas que de facto é marcada pela sua versatilidade e complexidade.

A composição de música orquestral atravessa todo o seu percurso criativo, destacando-se nesse âmbito, para além de vários poemas sinfónicos, as suas nove sinfonias, que em geral se mantêm fiéis aos moldes tradicionais.

A Sinfonia n.º 8, em Sol maior, op. 88, composta em 1889, é especialmente marcada pela incorporação de elementos do folclore musical checo (nomeadamente a *polka* e o *furiant*, com os seus padrões métricos e rítmicos característicos), retomando assim uma prática de que o compositor se tinha afastado um pouco na Sinfonia n.º 7, op. 70. Tais elementos, a par de outros que também sugerem uma ideia de rusticidade, são mobilizados em favor de uma exploração poética e otimista do mundo natural, sem no entanto abandonar o modelo formal clássico. A obra seria estreada com sucesso em Praga em fevereiro de 1890, tendo sido publicada em Londres em 1892.

O primeiro andamento, *Allegro con brio*, abre com uma breve introdução – uma expressiva melodia em Sol menor –, antes da enunciação de um primeiro tema

vigoroso, em Sol maior, e de um segundo tema animado, em Si menor. A secção de desenvolvimento é particularmente extensa e elaborada com engenho em termos de harmonia e orquestração, até alcançar um clímax tempestuoso e uma breve recapitulação que conduz o andamento a um final enérgico. Segue-se um *Adagio*, que se inicia numa atmosfera escura e algo solene, em Dó menor. Depois, os sopros apresentam o tema principal em Dó maior, e numa secção central a música torna-se cada vez mais opulenta. A negritude do modo menor volta a impor-se por momentos, mas só até ao regresso do luminoso tema principal, agora nas cordas. O terceiro andamento, *Allegretto grazioso*, é um *scherzo* em Sol menor, com todo o dinamismo expectável, mas também colorido com um certo lirismo nostálgico. Produzindo um contraste acentuado, o trio central, em Sol maior, baseia-se numa melodia de caráter infantil, e depois da repetição da secção inicial o *scherzo* termina com uma breve coda enérgica. Por fim, o quarto andamento, *Allegro ma non troppo*, em Sol maior, é anunciado com brilhantismo por uma aparatosa fanfarrinha de trompetes, cabendo então aos violoncelos apresentar o tema principal. Esta ideia é seguidamente trabalhada essencialmente numa sucessão de variações, que levam a música por uma grande variedade de ambientes e culminam numa coda jubilante.

NOTAS DE LUÍS M. SANTOS

## Pinchas Zukerman

O excepcional nível artístico de Pinchas Zukerman, bem como a sua versatilidade como violinista, violetista, maestro e músico de câmara, são qualidades reconhecidas há mais de cinco décadas. Virtuosity, musicalidade, beleza tímbrica e uma irrepreensível personalidade artística são características de Zukerman, também corroboradas por uma discografia de mais de 100 álbuns que mereceu a atribuição de dois *Grammy* e de 21 nomeações. Os destaques da temporada passada incluem concertos sinfônicos e recitais de música de câmara, nomeadamente com o Zukerman Trio, em Espanha, na Dinamarca, na Suécia e em França, e a sua estreia no Wolf Trap National Park for the Performing Arts, com a violoncelista Amanda Forsyth e o pianista Michael Stephen Brown. Como maestro convidado, dirigiu a Sinfónica de Adelaide, a Orquestra Nacional de Lyon (em França e em digressão a Espanha), a Sinfónica de Bamberg, a Orchestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia (em Roma e Salzburgo), a Filarmónica de Israel, a Orchestra di Padova e del Veneto, a English Chamber Orchestra e a Sinfonia Varsovia. Outros destaques de atuações recentes incluem a Sinfónica de Dallas, a Deutsche Radio Philharmonie, a Filarmónica de Mannheim e a Sinfónica de Barcelona. No domínio da música de câmara, apresentou-se no Japão, em Itália, em França, na Alemanha e nos EUA. Com a violoncelista Amanda Forsyth, colaborou com o Jerusalem String Quartet em programas para sexteto apresentados em Israel e nos EUA. Ainda com Amanda Forsyth, apresentou-se com a English Chamber Orchestra, a Sinfónica de Praga, a Sinfónica da Rádio Polaca e a Sinfónica de New Bedford. Com o Zukerman Trio, atuou nos festivais de Ravinia, Aspen e Amelia Island, bem como nos Parlance Chamber Concerts, em Nova Jersey.

Como professor e mentor de novas gerações de músicos, liderou, durante 25 anos, o *Pinchas Zukerman Performance Program* na Manhattan School of Music. Foi professor em proeminentes instituições no Reino Unido, em Israel, na China e no Canadá. Nas duas últimas temporadas, foi *Artistic & Principal Education Partner* da Orquestra Sinfónica de Dallas, colaborando com a orquestra em parceria com a Southern Methodist University Meadows School of the Arts, tendo orientado cursos intensivos para os alunos de música.

Pinchas Zukerman inspirou várias gerações de jovens músicos que atingiram proeminência nos domínios da interpretação, da docência e da liderança de festivais internacionais. Foram-lhe atribuídos doutoramentos honorários pela Brown University, pela Queen's University (Kingston, Ontário) e pela Universidade de Calgary. Foi também agraciado com a *National Medal of Arts* e o *Isaac Stern Award for Artistic Excellence in Classical Music*.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos CONCERTINO  
Bin Chao 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Alessandro di Marco 2º CONCERTINO AUXILIAR  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria Balbi  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Piotr Rachwal  
Matilde Araújo  
Catarina Ferreira  
Rui Cristão  
Miguel Gomes\*  
Sandra Escovar\*  
Ana Malheiro\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Margarida Queirós  
Camille Bughin  
Francisca Fins  
Nelson Nogueira  
Miguel Simões  
Asilkan Pargana  
Catarina Resende  
João Andrade\*

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA  
Lu Zheng 1º SOLISTA  
João Tiago Dinis 2º SOLISTA  
Nuno Soares  
Sara Moreira  
Micaela Miranda  
Raquel Noemi  
Márcia Marques  
Sara Farinha  
Bárbara Ferreira

## VIOLONCELOS

Martin Henneken 1º SOLISTA  
Gonçalo Lélis 1º SOLISTA  
Raquel Reis 2º SOLISTA  
Jeremy Lake  
João Valpaços  
Hugo Paiva  
Maria Leonor Moniz  
Pedro Fernandes  
Catarina Távora\*  
Hugo Estaca\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA  
Domingos Ribeiro 1º SOLISTA  
Manuel Rego 2º SOLISTA  
Marine Triolet  
Miguel Menezes  
Diogo Pereira  
Vanessa Lima\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA  
Sónia Pais 1º SOLISTA  
Amalia Tortajada 2º SOLISTA  
Rui Matos 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA  
Nelson Alves 1º SOLISTA  
Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA  
CORNE INGLÉS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA  
Telmo Costa 1º SOLISTA  
José Maria Mosqueda 2º SOLISTA  
CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA  
Vera Dias 1º SOLISTA  
Raquel Saraiva 2º SOLISTA  
CONTRAFAGOTE

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA  
Kenneth Best 1º SOLISTA  
Pedro Fernandes 2º SOLISTA  
Antonia Chandler 2º SOLISTA  
Rodrigo Carreira 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA  
José Pedro Pereira 2º SOLISTA  
Paulo Fernandes 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA  
Rui Fernandes 2º SOLISTA  
Thierry Redondo 2º SOLISTA  
TROMBONE BAIXO  
Diogo Andrade 2º SOLISTA\*

## TUBA

Amilcar Gameiro 1º SOLISTA  
Xavier Novo 2º SOLISTA\*

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

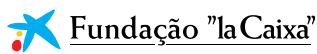
António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins  
Marta Ferreira de Andrade  
Pedro Canhoto  
Fábio Cachão  
Inês Nunes



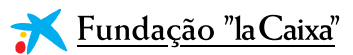
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

